

SIMPÓSIO FAVI 2017

A Faculdade Vicentina – FAVI, realizou por meio de sua Coordenação de Filosofia e do Centro Acadêmico de Filosofia – CAVIF, Gestão *Aletheia*, de 24 a 27 de outubro de 2017, o seu XXXVIII Simpósio que teve como tema: **“Gênero e Antropologia Filosófica”**.

O evento foi iniciado, às 8h30, com a **Missa Solene** em Comemoração ao Jubileu de Ouro do Curso de Filosofia da FAVI, presidida por Dom Amilton Manoel da Silva, Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Curitiba - que fez uma boa homília, e concelebrada pelo reitor da FAVI, Pe. André Marmilicz, CM – que acolheu e agradeceu a todos pela presença, e por um aluno da primeira turma de filosofia do então Instituto Vicentino, o Pe. Eusébio Spisla, CM – que deu um pequeno testemunho de vida. Concelebraram ainda, os demais membros da Congregação da Missão ali presentes. Naquela manhã, e antes da primeira palestra deu-se ainda o credenciamento e um *coffee break* com música instrumental ao vivo.

Já no Salão de Atos da FAVI ocorreu, às 10h a solenidade de abertura do Simpósio, com formação da mesa, entoação do Hino Nacional, discursos, entrega do título **São Vicente de Paulo** aos professores Bortolo Valle, Domênico Costella e Aluísio Von Zuben (ausente), bem como entrega do **certificado de monitoria em Língua Moderna – Espanhol**, ao acadêmico, Cleber Teodósio. O memento foi concluído com a **apresentação cultural**: “Dança Contemporânea”, pelo também acadêmico: Leonardo Felipe

Às 11h desse primeiro dia deu-se a primeira conferência, cujo título **“Ética e a desconstrução do preconceito”**, ministrada pelo Prof. Dr. **Jelson Roberto de Oliveira (PUCPR)**, que iniciou sua fala citando Einstein quando diz que *“é mais fácil desintegrar um átomo, que um preconceito”*. Disse da importância da ética na antropologia na relação de gênero. Fez a diferença entre sexo e

gênero, o primeiro é biológico o outro cultural. Colocou que o pensamento da sociedade já está moldado para agir de uma maneira ou de outra com os filhos dependendo do sexo. Logo citou uma gama de filósofos tais como: Aristóteles, Kant, Nietzsche, Schopenhauer, etc., que não viam importância nas mulheres na sociedade e muito menos na filosofia e matizou que o objetivo da filosofia é nunca ser preconceituosa. Esclareceu ainda que no decorrer da história o mal, a limitação e o pecado estavam sempre associados às mulheres, exemplificando essa afirmação com o Mito de Pandora, Adão e Eva, Sereias de Odisséia, Oxum, Miriam do Povo Hebreu, bem como, sinalou que Stuart Mill foi o primeiro filósofo a valorizar o feminino na filosofia, identificando na mulher o paradigma da vítima, “não pode falar” – afirma o filósofo, “o homem é quem fala por ela”. Coloca que uma sociedade só será emancipada se aceita o diferente e que o preconceito quebra o encontro, logo o preconceito é o maior problema que deve enfrentar a raça humana, pois esse impede a filosofia, o conhecimento, a razão, é violento, irracional e é uma pena que o mesmo seja reproduzido pelos meios de comunicações sociais. O papel da filosofia é promover a emancipação. Não é moral e cívica, mas crítica e sabedoria para bem utilizar a razão.

No dia segundo, o simpósio foi reaberto com uma apresentação cultural, em forma de monólogo, realizada por uma artista convidada, que representou personagens como: pessoa em situação de rua, mulher negra, transexual, idosa, etc., ou seja, pessoas que normalmente são excluídas da sociedade. Em seguida iniciaram-se as palestras do dia com a conferência: **“Gênero e Teologia: interpelações e perspectivas”**, ministrada pela Professora Doutora **Clélia Peretti (PUC/PR)**. A professora começou sua fala explicando que segundo a Ideologia de Gênero não existe diferença ontológica entre homens e mulheres, ser um ou outro independe do sexo biológico, o que voga aqui são os processos sociais e culturais, de forma que todos os gêneros possíveis são válidos, inclusive qualquer forma de organização nuclear de pessoas pode ser chamada de família, podendo inclusive ocorrer casamento de homossexuais, sinalando, depois de citar o livro *Cultura e Sociedade* de Peter Metcalf, que em muitos setores da sociedade a homossexualidade e a heterossexualidade estão no mesmo pé de igualdade. E se perguntou: o que a Igreja pensa de tudo isso? Ora, a Igreja se orienta pela bíblia e pensa o homem como homem e a mulher como mulher, o gênero com sua ideologia deturba essa ideia binária. Isso vai contra a obra da criação, a lei natural, inclusive essa lei é a única que dá suporte

para que o homem viva eticamente, confiar só na técnica é deixar-se guiar por um caminho incerto, pois a Palavra de Deus também tem o seu peso na decisão de como viver bem no mundo hoje. Apesar de que a Igreja não fica omissa, a orientação é incluir, sair ao encontro daqueles que sofrem exclusões, momento em que citou o Papa Francisco: “Se a pessoa é gay e busca Deus, quem sou eu para condenar?!” Inclusive abre-se espaço para que essas pessoas também tenham voz na Igreja, dois exemplos claros são os dois sínodos da família, a poucos meses e da juventude atualmente que tiveram consultas abertas a todas as pessoas que quisessem se manifestar sobre os seus temas. Os objetivos primeiros das pastorais são acolher, orientar e incluir os que vivem em situações peculiares, sinalando que todos podem participar da Igreja, que não é controladora, mas dispensadora da graça. Um movimento bastante inclusivo que tem a Igreja é a Teologia da Libertação. Fechar-se não é a solução, pois as diferenças não podem ser sinais de divisões, mas de crescimento. Inclusive, os estudos de gênero, não poder ser desconsiderados pela teologia, concluindo assim que não se pode desconsiderar os sinais dos tempos.

Nas arguições e perguntas foi sinalado que em Brasília está se discutindo o conceito e a definição de família que são duas coisas diferentes; que família nuclear é formada por pai, mãe e filhos, já a mosaico, pelos outros modelos; que a Igreja tem duas dimensões: Petrina (clero/ativo) e Mariana (leigo/passivo) – eis o gênero na Igreja; que na “Amoris Laetitia” o que vigora não na relação entre homem e mulher não é a complementariedade, mas o amor; que nem tudo que é natural é bom, e cultural muito menos. No Irã matar mulher apedrejada é moralmente correto - Isso é bom? Não! Assim também passa com o câncer, que é natural e nem por isso ele é bom; que há uma pastoral católica da diversidade, que está sendo deslegitimada por um discurso reacionário que aparece na mídia, podemos ser conservadores sem sermos reacionários; que sexo biológico não só uma questão de genitália, mas de todo o corpo; que apesar dos entraves na Igreja não podemos tomar o clero como “um câncer social”, ele está mais para uma solução, é o clero bem formado que libertará o povo dos preconceitos da sociedade ignorante. Esse momento foi concluído com um pensamento de Edith Stein que diz existir na alma da alma um núcleo e nesse núcleo reside a consciência que faz a pessoa ser, não homem ou melhor, mas humano.

A terceira palestra teve como título: **“A mulher na Filosofia: Edith Stein e Simone Weil”**, que foi ministrada pelo **Prof. Dr. Bortolo Valle (PUC/PR e FAVI)**.

Valle iniciou sua fala sinalando que a temática sobre gênero em si não lhe chama a atenção, mas a forma como as pessoas se portam diante da temática, sim. Segundo ele, os temas tabus em relação as mulheres resistem ao século XXI, colocando como exemplo o caso da ordenação de mulheres, ainda que veja a possibilidade de mudanças, uma vez que há 100 anos, pensar em mulher fazendo filosofia também era visto como um absurdo. Segundo Valle, a Filosofia nasceu na Grécia no século VII a.C, a teologia só veio depois, e como racionalidade só com Tomás de Aquino. Logo sinalou que a primeira mulher a ousar fazer filosofia foi Safo de Lebos, que foi exilada numa ilha com suas seguidoras. Porém Safo fazia filosofia de homens, como eles, buscava o ser das coisas. No século V d.C, surge Hipácia de Alexandria, que semelhante a anterior foi morta por ousar pensar. Entre os séculos XI e XV há 93 mulheres que produziram algum tipo de pensamento (teofilosíficos), mesmo que nessa época, as mulheres fossem vistas como pessoas debilitadas ou associadas à Eva pecadora, de forma seus textos eram vistos como endemoniados ou delírios. Mas vale salientar que seus pensamentos eram diferentes do que pensavam os homens. Dentre as grandes mulheres da época, o autor destaca Tereza D'Ávila, cuja estratégia para que seu pensamento não fosse destruído pela Santa Inquisição era sua nota característica: “sou a menor, a mais burra, louca, etc., mas penso isso...” e dizia seu pensamento. Também as mulheres da Filosofia Contemporânea são mulheres que vão pensar a filosofia não como homens, mas como mulheres, sendo elas: Edith Stein (Alemanha), Simone Weil (França), Maria Zambrano (Espanha) e Hanna Arendt (Alemanha). Elas trataram do amor na filosofia, não da razão, porém não caíram em existencialismo ou marxismo. Fizeram um trabalho extraordinário, mas aparecem pouco, porque estão sobre a sombra de homens:

- Stein, por Husserl - Fenomenologia e antropologia, para ela, o homem é corpo, alma e espírito, ela enaltece a empatia;
- Weil, preocupa-se com a população que sofre nas fábricas, falta amor/ caridade, de forma que vai a Marx, mas não se encontra, vai a Kant, a Platão, etc., e só encontra resposta em Cristo;
- Arendt, amante de Heidegger, fala sobre o amor mundi a partir do campo de concentração, e
- Zambrano, com a temática da piedade, é sucumbida por Ortega e Garsett.

São quatro mulheres marcadas pelo tempo da obscuridade. Todas elas morreram vítimas da violência de gênero, ou foram exiladas por guerras. As mulheres de nossos dias, estranhamente, continuam estudando filosofia de homens ou esquecem que a filosofia feminina não é feminismo ou exclusão, pois não deve ver o homem como competição, mas complemento. E claro, o feminino é uma temática do pensamento, homens e mulheres podem pensá-lo.

A primeira palestra do terceiro dia do Simpósio foi ministrada pela **Prof^ª. Dr^ª. Lígia Ziggotti de Oliveira (UFPR)**, e teve como título: **“As Perspectivas Feministas sobre o Direito”**. Na oportunidade Oliveira afirmou que na prática o direito ainda não contempla todos os seres humano por igual, segundo ela o tipo de discurso que faz sentido para a mulher branca, não o faz para a negra, por exemplo. E fazendo um resgate histórico do direito na realidade feminina aponta que só nos anos oitenta surgiu a ideia de que o termo mulher não representa todas as pessoas do sexo feminino. Ao tratar sobre o feminismo salientou que não vale dividir homem e mulher de forma binária ou oposicional e que o movimento de mulheres lésbicas, trans, deficientes, etc., não se sentem representadas por feministas que apenas lutam por uma diferenciação entre homem e mulher. Oliveira aproxima o tema em questão à filosofia lembrando que a dualidade encontra um espaço privilegiado na mesma, ilustrando a situação com os mundos sensível e ideal de Plantão, ou proletariado e senhores de Marx. Porém segue seu raciocínio evocando Foucault que não parte de situações binárias por ser estruturalista, logo esse autor colaboraria para o discurso de gênero, vendo, portanto, não uma oposição entre homens e mulheres mais uma complementação. Dessa forma acredita que o sistema sexo/gênero precisa ser repensado, quando cita Judite Butler que afirma que até o sexo não é uma “coisa” natural, fato que pode ser constatado no caso de enfermeiras que não se sentem à vontade ao trocar fraudas de homens, para ela, se o sexo fosse algo natural essa estranheza não faria sentido, logo esse é cultural, e arremata: “todas as pessoas são efeitos criativos da norma”. A professora concluiu esse bloco discorrendo sobre “Movimento Queer”, cuja teoria tem crescido nos Estados Unidos e vem superando o feminismo, uma vez que é mais inclusivo e supera o binarismo. Voltando o olhar ao passado, Oliveira recordou que as mulheres sempre tiveram seus direitos negligenciados. Segundo ela, 60 mil foi o número de mulheres perseguidas e mortas pela Santa Inquisição e que a cultura machista tem se perpetuado, até dentro do direito isso é percebido, tanto que apenas no século XX as mulheres puderam

advogar, e foi autorizada a fazê-lo pelos doutores da OAB uma vez que “ela queria advogar, não ser esposa deles.” O número de mortes de mulheres no Brasil, por exemplo, é um despautério, e essas mortes não se dão na rua, mas nas residências, pelos maridos. Antes, para o direito, bater na mulher em casa era como bater em alguém no bar, mas a situação foi se tornando escandalosa e o número de vítimas do sexo feminino só crescia, tanto que o caso da cearense Maria da Penha ganhou repercussão internacional e pressionado o legislativo brasileiro criou a lei que leva seu nome. É lamentável que em pleno século XXI, o direito ainda não contemple quem não seja “homem” ou “mulher”, a mulher trans, por exemplo, não é contemplada pela Lei Maria da Penha. Oliveira conclui sua participação esclarecendo que o movimento feminista não é o que a mídia reducionista, estereotipada e tendenciosa mostra, nele há mais pergunta do que resposta; esclarece ela que um movimento que enquadra, dita o que você deve fazer se faz estranho; que a lei do feminicídio é positiva, pois na mesma está claro que matar uma mulher não é o mesmo que matar um homem; que ainda não há um aparato nas delegacias para atender as mulheres vítimas da violência de gênero; por último, que o binarismo não é bom, que a solução é a complementariedade, e que há uma guerra interna na pessoa trans que esta não suporta, ser ambíguo é muito confuso a ponto de se impelido a uma cirurgia de troca de sexo.

Ainda no terceiro dia foi ministrada uma segunda palestra intitulada: **“Direito e Gênero: uma abordagem necessária”** pela Prof. Dr^a. Ana Zaiczuk Raggio (Secretaria de Direitos Humanos do Estado do Paraná), que iniciou sua fala defendendo que as pessoas não precisam necessariamente se comportar como mulher ou como homem, mas ser, no meio, o que se sente bem sendo, ou seja, não é porque a pessoa nasceu com o sexo feminino que ela deve ser uma mulher, ser o que a pessoa quiser não implica em demérito, ainda que a sociedade em que vivemos esteja moldada no formato de aceitar e se projetar apenas para o ser homem ou ser mulher, o que vem à cabeça dos pais pré-natais de uma menina é um quatinho de bebê decorados com a cor, móveis e brinquedos rosa e nunca azul, e vice versa. Raggio seguiu sua fala trazendo uma estatística da violência de gênero no Brasil, onde a mulher e as crianças são vítimas de estupro e assassinato numa escala assustadora. O Brasil é o 5º país onde mais se mata mulheres e o número de assassinato de homossexuais também cresce, tanto que a média de vida de um trans/homossexual no Brasil é 35 anos, aqui, um LGBTQTT é morto por dia. O quadro da

violência de gênero é bastante complexo. Segundo Raggio, ninguém deseja, escolhe ou quer viver com isso. A mulher não escolhe ser espancada pelo marido, nem esse, bater na mulher; estudiosos defendem que a causa está além e se precisa modificar as estruturas da sociedade, educar para os valores e dá as condições para uma vida melhor, a fim de que o quadro se transforme. Os oprimidos só serão libertados quando se lhes dá vez e voz. Agora, claro, com essas condições existe a possibilidade de esses se tornarem também, violentos, de forma que os que lideram atualmente terão que saber viver com essa nova situação que desembocará em extermínio múltiplo ou consenso. Oxalá seja o último, rogou Raggio. Sua fala foi concluída abordando questões de gênero e a presença feminina nas diversas instituições que como se tem notado ainda é muito tímida. Sinalou que o fato de se ter um congresso com 70 deputados evangélicos faz com que a política brasileira encontre limite em ser um país laico, e isso é um problema, não só para o catolicismo, mas para toda a nação que encontra barreira na aprovação de leis que favoreçam a evolução; esses senhores trazem critérios de suas religiões para a política encarando situações como a homossexualidade como pecado, esquecendo que “pecado” é tentar obrigar as pessoas a viverem como você pensa.

No quarto dia foi ministrada a sexta palestra, cujo tema: **“Gênero um campo de saber e poder”** pelo Prof. Dr. **Rezende Bruno Avelar (UEG)**. O professor começa sua fala compartilhando sua experiência de trabalho junto os excluídos, a partir da Coordenadoria de Direitos Humanos, Diversidade e Refugiados, bem como, sua militância na Pastoral de Juventude que luta contra o extermínio de jovens negros, pobres, desempregados, analfabetos e homossexuais que são vítimas, especialmente, da polícia. Para Rezende, os direitos humanos, como o Pai Nosso, devem ser lembrados todos os dias. Não se pode esquecer dos mais pobres que são os preferidos de Deus e as principais vítimas da sociedade hoje, e conclui essa primeira parte de sua colaboração parabenizando a Faculdade Vicentina por abordar um tema que é de vanguarda, muito pertinente e atual como a questão de gênero. Não se pode, segundo Rezende, deixar de lutar pelos direitos, como tão bem fizeram as mulheres americanas e tantos outros movimentos pelo mundo que se sentindo excluídos foram à luta e conquistaram espaços nunca antes logrados. Nunca, e especialmente, em nossos dias, não se justifica a hierarquia de poder entre homem e mulher. Sabemos que é perfeitamente possível um diálogo de mulher para mulher, de mulher para homem e de homem para homem.

Agora é curioso como as problemáticas relativas as questões de direitos não se limitam ao gênero, o movimento feminista e lésbico americano percebem que os direitos das mulheres negras é diferente das brancas. E partilhou uma reivindicação feita por escravos, que dizia: “Nós não somos escravos, somos homens e mulheres negros que fomos colocados como escravos.” Vale salientar que as masculinidades também são levadas em conta nas questões de gênero: há homens durões, dóceis, pobres, trabalhadores, etc., há os que são metrossexuais, os que se cuidam, vão ao salão de beleza em busca da beleza estética. Inclusive há dois estudos recentes sobre os homens: Bíblia - Rei Davi, que não era muito simpático, que mandava matar maridos para ficar com as mulheres e literatura - Robaldo e Diamori. As questões de gênero são questões de poder. No decorrer da história, na em relação ao gênero, as mulheres sempre aparecem como vítimas, tanto que ainda hoje, a violência contra a mulher tem dia, hora e acusado identificados: Fins de semanas e feriados, de 17 as 21h, parentes homens que voltam a casa embriagados – não batem nos colegas no bar, mas nas mulheres e crianças quando chegam em casa. Além da física, há também diversas outras formas de violência que são tão cruéis ou pior que a essa, a saber: violência psicológica; epistêmica, onde os menores são desautorizados a fazerem, gerando uma onda de pessoas não silenciosas, mas silenciadas - uma travesti pobre, negra, analfabeta, por exemplo, se abrir a boca, quem dará crédito?!; violência simbólica, aquela que incita a própria vítima acomodar-se, achar que a “coisa” sempre foi assim, etc. O número de LGBTTs que são vítimas de todo tipo de violência no Brasil é assustador. Mata-se mais homossexuais no Brasil que nos 13 países africanos quem tem a homossexualidade como crime. As mulheres lésbicas são mortas cruelmente, vítimas de estupro coletivos promovidos pelos familiares. Os T-Lovers – pessoas que são companheiros dos LGBTTs), estas são as novas vítimas desse tipo de violência. O professor concluiu sua fala matizando que os Direitos Humanos são fruto de uma luta em prol de todos.

A última palestra do simpósio teve como tema: **“As externalidades de violações às novas formas de relações sociais”** e foi ministrada pela **Profª Drª. Nádia Regina de Carvalho Mikos (PUC/PR)**. Que iniciou sua fala suspeitando está a violência incutida na pessoa humana, dizendo da liquidez da sociedade de hoje e denunciando a instrumentalização da justiça brasileira onde juízes das diferentes instâncias se vendem fazendo assim um desserviço à nação. Logo, recorda que antes o Estado não precisava dizer como o povo deveria lhe dá com suas diversas situações do dia a dia, os interessados entravam

e consenso e pronto. Agora existem as leis e estas mudanças sociais exigem formação e interdisciplinaridade. O curioso é que estas leis mudam com bastante facilidade, ainda que para algumas estâncias da sociedade o direito tenha mais alterações que outras, como é o caso da “família” que antes só se reconhecia como família, o casal formado por homem e mulher, que tivessem filhos. Adentrando sobre a temática das relações familiares, Mikos esclareceu que as relações existirão legalmente se estão na lei. Falou das relações espúrias onde os filhos que eram gerados fora do casamento não eram contemplados com os direitos de filho, mas que com o tempo o direito previdenciário os contemplou. A luta, segundo ela, não é por igualdade, mas por equidade. E continuou discorrendo sobre os conceitos de: união estável; convivente; ação negatória de paternidade; famílias mononuclear, consanguínea, socioafetiva, homoafetiva e eudemonista; poliamorismo, etc. Para Mikos, princípios como: dignidade, lealdade, equidade, solidariedade, abertura, responsabilidade são necessários para se viver nessas novas realidades em que se encontram as famílias. O mundo que estamos vivendo é esse, e não se pode fugir da realidade. Uma vez perguntaram ao Papa Francisco se existiam mães solteiras, e ele respondeu que o que existem são mães! O termo poliamor, por sua vez, pode parecer num primeiro momento como algo bagunçado, mas não é e não tem que ser; o direito tem, paulatinamente, adequado a sua linguagem a ponto de que todos o entendam, mesmo com resistência, termos como esse já são tratados com fluidez nas audiências. Mikos concluiu sua fala com o pensamento: “porque falar se podemos ficar em silêncio?!”; ainda que logo reconheceu que tem muitas situações onde falar é imperativo. Para ela, não é nosso direito dizer ou orientar a uma pessoa, que está sofrendo violência, que ela não precisa sofrer assim. Isso é um dever! Matizou.